

SESSÕES DO PLENÁRIO

6ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 16 de abril de 2015.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao Dia Internacional da Dança, quando serão homenageados com a Comenda Dois de Julho as personalidades da dança Dulce Tâmara Lamego Silva e Aquino, Lia Robatto, Carlos Américo Moraes Machado e Raimundo Bispo dos Santos, Mestre King, por proposta do deputado Marcelino Galo.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Convido para compor a Mesa o Sr. Proponente desta sessão, que já se encontra aqui, deputado Marcelino Galo; o Sr. Coordenador de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, Matias Santiago, neste ato, representando o governador do Estado, Sr. Rui Costa; a Srª Suki Guimarães, membro do Colegiado Setorial da Dança; Sr. Deputado Bira Corôa, presidente da Comissão Especial da Promoção da Igualdade desta Casa; Srª Dançarina, professora e homenageada Dulce Tâmara Lamego Silva e Aquino; Srª Coreógrafa, professora, pesquisadora, gestora e homenageada, Lia Robatto; Srª Adriana Moraes, representante do bailarino, coreógrafo e homenageado Carlos Américo Moraes Machado; o professor, Sr. Procurador da dança afro-brasileira, precursor e homenageado, Raimundo Bispo dos Santos, Mestre King; Srª Presidente da Funceb, Fernanda Tourinho, representando o secretário da Cultura, Jorge Portugal; Sr. Superintendente da Secretaria da Educação do Estado, Eliezer Santos da Silva, representando o secretário Osvaldo Barreto; Sr. Representante do Colegiado de Dança, Eduardo Oliveira; Sr. Vice-Reitor Paulo Miguez, representante da Universidade Federal da Bahia; Srª Representante das Associações de Escolas de Dança da Bahia, Ana Cristina Gonçalves; Srª Representante do Balé do TCA, Lília Pereira.

Dando início a essa solenidade histórica para a cultura da Bahia, ouviremos o nosso poeta, que veio do sertão, Evânio Teles. Aqui vamos fazer uma homenagem especial à companheira Mônica Ballalai.

(O Sr. Evânio Teles recita um poema em homenagem a Mônica Ballalai.)
(Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Convido o deputado Bira Corôa a assumir a presidência para que eu possa prestar minha homenagem aos homenageados.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra o deputado proponente desta sessão, Marcelino Galo.

O Sr. MARCELINO GALO:- Sr. Presidente, deputado Bira Corôa, eu gostaria de ter aqui na minha mão a nominata, por favor. Ali, nosso Cerimonial. (Pausa.)

Então, quero saudar as presenças de todos vocês bailarinos, bailarinas, dançarinos, dançarinas, enfim, todo o mundo da cultura, neste dia memorável e histórico para a área da Cultura no nosso Estado, quando estamos encerrando uma Semana da Dança que já está na sua terceira edição - este é o terceiro ano - nesta Casa. E neste 2015 com este momento especial em que homenageamos quatro expoentes, quatro personalidades fundamentais para essa linguagem cultural.

Então, bom-dia a todos e todas!

(Lê):- “Hoje estamos aqui reunidos nesta Casa Legislativa encerrando a programação da nossa Semana da Dança com esta sessão especial, após uma longa mostra que reuniu companhias, escolas e grupos de dança de diversos Territórios de Identidade da Bahia e contando com a participação efetiva de estudantes das escolas públicas estaduais baianas. Portanto, este é o terceiro ano consecutivo em que realizamos a Semana da Dança, que, por tradição, é encerrada com uma sessão especial em que discutimos as políticas públicas de dança na nossa Bahia e homenageamos as personalidades cujo trabalho ajudou a edificar a dança em nosso Estado, nosso País e no mundo.

Entretanto, para bem da justiça, é preciso que eu faça um registro. Esta Semana da Dança não seria possível sem o trabalho excepcional desenvolvido pela companheira Bete Wagner que, com sua sensibilidade e seu amor à dança, tem-nos ajudado de forma muito competente a pautar as demandas da dança neste Parlamento. De tal forma que não seria um trocadilho dizer: foi Bete quem nos convidou a dançar. Por isso, peço uma salva de palmas para Bete Wagner em sinal de nosso reconhecimento a seu esforço e à sua determinação em realizar esse magnífico trabalho.

Quero também agradecer à *TVE* que durante toda esta semana divulgou a Semana da Dança em sua programação, cumprindo, assim, os desideratos de uma emissora pública. Muito obrigado!

É preciso também afirmar que esta não é uma atividade desconectada da política, ao contrário. Este é um esforço de incluir a dança na pauta política desta Casa e reforçar a agenda de políticas públicas de dança, ao mesmo tempo que também serve para a constituição de um novo público, a abertura de novos espaços de dança, e de aproximação e troca entre diversos grupos que atuam na Bahia e que aqui podem dar organicidade à luta política pelo desenvolvimento da dança em nosso Estado, debatendo com os gestores públicos, apresentando suas demandas, suas

contribuições e exercendo o controle social das políticas públicas para o setor.

Minhas amigas e meus amigos, senhoras e senhores, nesta sessão também prestaremos uma homenagem do povo da Bahia, representado por este Parlamento, a grandes personalidades da dança em nosso Estado. Aqui, entregaremos a Comenda Dois de Julho, uma das mais importantes honrarias do Estado da Bahia e deste Parlamento, criada pela Resolução nº 1.277, de 11 de agosto de 1999, a quatro grandes personalidades da dança em nosso Estado.

Este é um momento de deferência, de reconhecimento ou, como se faz no candomblé, de bater cabeça para nossas deusas e nossos deuses da dança, que aqui só podemos registrar por ordem alfabética, uma vez que são igualmente importantes para o desenvolvimento dessa arte em nosso Estado: Carlos Moraes, o professor; Dulce Aquino, a primeira-dama; Lia Robatto, a pioneira; e Mestre King o grande percussor da dança afro.

Carlos Américo Moraes Machado, o Carlos Moraes, é bailarino, é coreógrafo. Nasceu no Rio Grande do Sul, onde iniciou seus estudos de dança em 1957. Estudou Música, Direito e Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1961 entrou para o Corpo de ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro como bailarino, vindo a ser seu Maître de ballet em 1977. Com sólida formação da escola russa e dos mestres das técnicas modernas, Carlos Moraes também estudou as técnicas do Jazz e da dança Afro. Em 1971, Carlos Moraes veio para Bahia dar aulas de dança. Veio acreditando que passaria somente um mês. Acabou vivendo o mais longo dos meses, afinal, daqui não mais saiu. Assumiu a direção do Ballet Brasileiro da Bahia. Por uma década, viajou com esse grupo pelo Brasil e para o exterior. Foi coreógrafo das emissoras de *TV Excelsior* (1963), *Globo* (1965) e *Tupi* (1970); do grupo Vivabahia (1971), do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (1977) e Ballet CISNE NEGRO (1986). Carlos Moraes foi Maître convidado do Balé da Cidade de São Paulo (1979 a 1986) e coreógrafo da orquestra Afro-baiana. Realizou diversas remontagens de Ballets de repertório, clássicos, tradicionais e criou inúmeras coreografias para escolas de dança de Salvador e também de outras cidades. Participou da fundação do Balé do Teatro Castro Alves, onde foi o primeiro Maître de ballet (1981), tendo sido coreógrafo (1982 e 1985) e diretor artístico (1986 e 1987). Recebeu, em 1998, medalha de Honra ao Mérito do Governo do Estado da Bahia por serviços prestados à dança na BAHIA. Pertenceu ao Conselho Consultivo do Festival de dança de Joinville.

Quando perguntado certa feita o que significava a dança ele respondeu: viver. E que vida Carlos Moraes deu à dança da Bahia.

Hoje também vamos homenagear com a Comenda Dois de Julho uma mulher muito especial. Dulce Tamara Lamago Silva e Aquino possui, pela Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, graduação em Licenciatura em Dança (1963), graduação em Dançarina Profissional (1962) e especialização em Rítmica (1965), além de Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999).

Com forte atuação em atividades artísticas e acadêmicas como coreógrafa, professora e gestora, Dulce Aquino atualmente está na diretoria da Escola de Dança da UFBA. Foi Pró-Reitora de Extensão Universitária/UFBA e Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da Universidade Federal da Bahia.

Sua trajetória de lutas, desde a década de 1960 como liderança estudantil na UFBA, continua. Dulce Aquino é uma ativista das lutas pelas políticas públicas e em defesa da cidadania, além de idealizadora e coordenadora de significativas iniciativas que articulam a dança local e nacional como a Oficina Nacional de Dança Contemporânea e 24 horas de Dança na Terra.

Dulce Aquino tem papel de destaque na luta por uma política específica para o segmento da Dança, contribuindo para formação e consolidação da Câmara Setorial de Dança e para o Plano Nacional de Dança, assim como para criação do Fórum Nacional de Dança e do Fórum de Dança da Bahia. Foi proponente, em 1971, do primeiro currículo para cursos de dança no Conselho Federal de Educação. Esteve conduzindo a criação do Programa de Pós Graduação em Dança da UFBA, o primeiro curso de Mestrado em Dança do Brasil. Em 2013 foi indicada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino - Andifes para integrar o Conselho Nacional de Política Cultural do Ministério da Cultura (CNPQ).

Dulce Aquino também é Professora Associada 3 da Escola de Dança da UFBA, membro do grupo de Pesquisa DC3 - Dança, Ciência, Comunicação e Cultura, da Associação de Pesquisadores em Dança ANDA, da diretoria do Fórum Nacional de Dança e do Conselho Editorial da Enciclopédia de Dança do Itaú Cultural.

Portanto, a trajetória de vida de Dulce Aquino se confunde com o desenvolvimento da dança na Bahia. Coreógrafa, professora e pesquisadora, Lia Robatto atuou nas Artes Cênicas, principalmente no campo da dança, como professora da Universidade Federal da Bahia, na Escola Parque criada por Anísio Teixeira, como fundadora da Escola de Dança da FUNCEB, como gestora na Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, como consultora no Instituto Via Magia, como curadora no Mercado Cultural e Ateliê de Coreógrafos, como Diretora de Dança no Projeto Axé. Dirigiu e coreografou para companhias profissionais, como Balé da Cidade de São Paulo, Balé TCA e para seu Grupo Experimental de Dança. Recebeu relevantes prêmios entre os quais Mérito Cultural no grau de comendadora pela Presidência da República, medalha Edgar Santos pela UFBA, título de cidadania soteropolitana pela Câmara Municipal de Salvador, melhores espetáculos pela APCA de São Paulo (1982) e Martins Gonçalves da Bahia, (1976 e 77) entre outros.

Lia Robatto nasceu em São Paulo” – vamos transformá-la em baiana, logo, logo –

“onde se formou com as pioneiras da dança contemporânea do Brasil. Vem participando como jurada de concursos nacionais e como parecerista de projetos para leis de incentivo cultural. Atualmente é membro do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, onde foi presidente de 2010 a 2012. Publicou diversos artigos em obras

especializadas e os livros "Dança em Processo, a linguagem do indizível" pela EDUFBA, 1994, "Passos da Dança", com Lúcia Mascarenhas, pela Casa Jorge Amado em 2002 e mais recentemente, em 2013, "A dança como via privilegiada de Educação: relato de uma experiência", onde levanta questões sobre metodologia para o ensino da Dança, a partir de suas experiências frente à coordenação do Núcleo de Dança do Projeto Axé e da direção da Cia GICÁ de Dança.

Lia Robatto tem destacado papel no desenvolvimento da dança na Bahia e na gestão, formulação e implementação de políticas públicas de cultura, uma trajetória coerente para quem é filha de um poeta concreto e de uma professora de artes visuais.

Raimundo Bispo dos Santos é um baiano conhecido internacionalmente, como Mestre King. Professor e coreógrafo, desenvolveu um método que fundia elementos de danças folclóricas e populares brasileiras com as dos orixás do Candomblé, dando visibilidade à dança afro-brasileira que, segundo o mestre, já estava lá, apenas parecia despercebida pela sociedade. Apesar de afirmar que sua função foi "apenas" de ter inserido a técnica para profissionalização de danças antigas, Mestre King é reconhecido, inclusive em diversos países, como o precursor desse elemento importantíssimo da identidade cultural do povo baiano que é a dança afro-brasileira.

Natural de Santa Inês" – mestre King, fui bem votado lá em Santa Inês – "foi criado em Salvador, no Centro Histórico. Seu contato mais profundo com a cultura local se deu aos 20 anos de idade quando inicia a sua carreira de cantos no Coral do Mosteiro de São Bento" – muito eclético – "momento em que também era apresentado à capoeira.

Sempre muito dedicado aos seus compromissos, Raimundo desenvolveu com esmero as suas performances artísticas e esportiva e foi em virtude de sua atuação contagiante, 'arrebanhando' quem encontrava no caminho para a aula de capoeira, que recebeu o nome de 'King'.

Através da capoeira, Mestre King conheceu a professora Emília Biancardi, folclorista e musicóloga, que lhe apresentou o maculelê e a dança de roda, a puxada de rede e o candomblé. A partir de 1972 decide estudar dança na Universidade Federal da Bahia, onde descobriu a sua identidade, assim costuma dizer, mergulhando em sua cultura e origem, aprofundou a sua pesquisa na cultura afro-brasileira, no candomblé e na dança dos orixás.

Apesar de não ser iniciado no Candomblé, Mestre King entende que a sua origem aí reside e que "não basta ser filho de santo para dançar a dança afro-brasileira, nem apenas dançarino. O profissional precisa entrar em contato com a dança e a técnica, com um apanhado de signos culturais e técnicas da Dança Moderna."

Mestre King, além de ser coreógrafo, cantor, capoeirista e precursor da dança afro-brasileira, é educador. E, através da dança, ele contribuiu e contribui para diminuir as desigualdades sociais, resgatando a auto estima e fazendo com que crianças e jovens das periferias utilizem a dança como um instrumento de conquista de um espaço onde a identidade sociocultural do povo negro seja preservada e respeitada em todo o mundo, mas, principalmente, aqui na Bahia. (Palmas.)

Sobre isso, costuma dizer: 'Eu trabalho na periferia porque, na periferia, eu encontro vários talentos.' Assim diz o Mestre King. E, com esta clarividência, com esta coerência, construiu sua bela trajetória artística, política e social.

A Bahia muito deve a Carlos Moraes, Dulce Aquino, Lia Robatto e ao Mestre King.” (Palmas.)

Quero dizer a vocês que vivemos em um tempo de apagão na consciência da sociedade brasileira. E, aí, este trabalho de resgatar os nossos jovens... (Pausa, choro, palmas.) Vejam, a nossa juventude não é para estar na cadeia aos 16 anos. (Palmas.) A nossa juventude merece o trabalho do Mestre King. São talentos e são vidas que têm de ter futuro e não cadeia! (Choro, palmas.)

Então, muito obrigado por homenagear vocês.

Viva o Brasil! Viva a Bahia! Viva essas grandes personalidades, precursores da cultura!

Muito obrigado a todos vocês! (Palmas, muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, passo a Presidência dos Trabalhos ao deputado Marcelino Galo, proponente desta sessão especial.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Ouviremos, agora, a leitura de uma carta dos alunos da Escola de Dança da Funceb – Fundação Cultural do Estado da Bahia. (Palmas.)

O Sr. KATSON FREITAS:- Bom-dia. Chamo-me Katson. Serei, aqui, o representante de toda a classe dos alunos da Escola de Dança da Funceb, dos alunos da Escola de Dança da UFBA e dos alunos em geral. Passo a ler o seguinte documento.

(Lê):- “Estimada Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Todos nós acreditamos no direito à cultura. Valorizamos, extremamente, a estrutura institucional, além das políticas culturais que vão se formando para garantir este direito que, portanto, tem, como objetivo, o fortalecimento da produção, a difusão e o consumo cultural.

Nós alunos do curso técnico profissional em dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb), e os alunos em geral, entramos na escola com a ideia de que seremos capacitados para participar da produção e propagação da cultura – na verdade, na democratização da participação cultural – através da dança, sejam como dançarino, coreógrafo, produtor cultural ou multiplicador.

O sonho de cada um de nós é que possamos sobreviver fazendo esse papel tão honroso e transformador, que é estar na arte, que é fazer arte, e que consegue alcançar as comunidades mais remotas no estado. Contudo, a realidade no ambiente de trabalho para quem vai se formar no curso é sombria e pouco promissora. Infelizmente, a taxa de abandono escolar em nosso curso é de aproximadamente 50%

até o terceiro semestre. Isso é lastimável! Sendo comum para o real contexto da escola, não deveria ser! Enquanto a maioria dos cursos técnicos em outras áreas tem uma taxa de abandono muito mais baixa, isso porque o mercado de trabalho para elas é mais abundante.

Em muitos casos o artista, o dançarino, especificamente, se sente desvalorizado com inúmeras situações desagradáveis recorrentes pelo descaso e o abandono com a classe. Por isso muitos colegas além de arte, precisam estudar outras áreas e trabalhar em diversos segmentos ao mesmo tempo para conseguir seu sustento. Nossos pais e parentes questionam muito nessa decisão de estudar dança, não vendo reciprocidade na área de trabalho depois dos estudos. Acreditamos que essa realidade pode mudar! E realmente pode! (Palmas.)

Temos os mesmos direitos que os colegas dos cursos técnicos em enfermagem, mecatrônica, sistema da computação, perfuração, engenharia civil, etc. Isso não é pedir demais!

O que ampara o aluno do curso técnico profissional em dança? Nossa esperança é que junto com vocês, nossos representantes mais preocupados nas questões da cultura, possamos definir e promover soluções. É por isso que estamos aqui! Sabemos que é o governo que tem a responsabilidade de promover e garantir a produção e difusão cultural no país. Por isso temos urgências. Comunicamos as seguintes demandas hoje com certa emergência:

1) Aceleração do processo para a implementação/aprovação da Lei PEC 150 (Palmas.). Essa lei estadual de vinculação orçamentária que garanta pelo menos 2% dos recursos financeiros dos municípios e 1,5% do Estado da Bahia para investimento na pasta de cultura, que até hoje, não existe alguma segurança financeira do Estado à cultura. Essa garantia pode criar muito mais oportunidades de trabalhos para grupos de dança através do aumento de editais.

2) Implementação imediata da nova Lei PL/21.056/2014 que modifica a Lei do Fundo de Cultura e que foi retirada da pauta da ALBA, onde o processo de aprovar e distribuir os pagamentos dos editais aconteça fora da Secretaria da Fazenda, mas sim na Secretaria de Cultura, onde se tem competências, garantindo o pagamento atempado e justo a esses artistas. Quando esses direitos não são cumpridos, desmerece nosso empenho e nos coloca em situações absurdas sem garantia de entrada de dinheiro por um trabalho já realizado.

3) Aprovação do Projeto de Lei 7032/2010, que modifica a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional garantindo o direito à cultura, tanto para quem difunde a arte quanto para quem a recebe. Sabendo que o processo para criar esse ambiente é complicado, atribuímos total perspectiva em vocês, nossos representantes na área de cultura, em procurar e encontrar soluções palpáveis que determine o real sentido do caminho para chegar no cumprimento destes direitos legais citados, mantendo diálogos e discussões estratégicas e produtivas com a classe. Não menos importante, precisamos aqui hoje da confirmação de um encontro para que possamos discutir novamente estas e outras demandas.”

Por fim, nós, ao digitarmos esta carta, fomos agraciados por sábias palavras dizendo assim:(Lê):- *“Louvada seja a dança porque ela liberta o homem do peso das coisas materiais e une os solitários para formar sociedade. Louvada seja a dança, que tudo exige e fortalece: saúde, mente serena e uma alma encantada.*

A dança significa transformar o espaço, o tempo e a pessoa, que sempre corre perigo de se desfazer e ser ou somente cérebro, ou só vontade, ou só sentimento. A dança, porém, também exige ancorado no seu centro o ser humano inteiro, que não conhece a obsessão da vontade de dominar gente ou coisas e não sente a demonia de estar perdido no seu próprio ser. A dança exige ainda o homem livre e aberto vibrando na harmonia de todas as forças.

'Ó homem! Ó mulher! Aprenda a dançar, senão os anjos do céu não saberão o que fazer contigo.

Palavras de Santo Agostinho.”

(Palmas, muitas palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero registrar a importante presença de Iracema Veloso, reitora da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Muito obrigado. E também agradecer as presenças de Dora Leal, ex-reitora da UFBA; Sônia Robatto, do Teatro Vila Velha; Georgette F. dos Santos, diretora da Associação Cultural Balett Esperança; vereadora Vânia Galvão; Dr^a Rosa Maria Couto, assessora do gabinete do governador da Bahia; dosubtenente Krupp, representando o comandante geral da Polícia Militar, coronel Anselmo Brandão; Maria Dalva, assessora da vereadora Aladilce; Walter Pinheiro, presidente da Associação Bahiana de Imprensa, sempre presente em momentos importantes nesta Casa; e Iasmim Bahia, diretora acadêmica da Escola de Dança da Bahia.(Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agora ouviremos o nosso companheiro Eduardo Oliveira, que é do Colegiado da Dança.

O Sr. EDUARDO OLIVEIRA:- Bom-dia a todos.

Primeiro quero reverenciar as minhas queridas Dulce e Lia, o Mestre King e Carlinhos. Parabéns pela homenagem!

(Lê):- “À Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Deputados Marcelino Galo, Eduardo Salles e Bira Corôa.

Perguntas legislativas da classe artística baiana.

É necessário começar este comunicado agradecendo o gesto de homenagear os nossos mais prezados mestres. Lia Robatto, Mestre King, Dulce Aquino e Carlos Moraes mobilizam há mais de quatro décadas pensamentos e ações que transformaram o fazer da dança no Estado da Bahia e no País. Eles, assim como tantos outros, conhecem o valor que essa produção simbólica tem para a manutenção de uma cidadania saudável, cada vez mais consciente e atenta aos novos tempos.

É nosso compromisso - e de vocês - continuar aprofundando as melhoras e alavancando novas posturas políticas que de fato coloquem a cultura e, especialmente, a dança dentro das preocupações e ações do nosso Poder Legislativo. Desta forma, essa nova geração de militantes pela dança solicita um primeiro diálogo agora e demanda nova data...”

E queremos sair daqui hoje com essa data agendada.

(Lê):- “(...) para continuarmos conversando profundamente sobre:

1. Criação da Frente Parlamentar para a Cultura dentro da Assembleia Legislativa, que, em diálogo com a sociedade civil, possa colaborar, alavancar e lutar pelas reivindicações da dança e da cultura em geral. Como está sendo encaminhada essa Frente? Quem participaria? Quem está promovendo dentro da Assembleia Legislativa?

2. Desarquivamento ou criação de uma Lei de vinculação orçamentária que garanta pelo menos 2% dos recursos financeiros dos municípios e 1,5% do Estado da Bahia para investimento na pasta cultural. Só assim esse legado deixado pelos homenageados terá força para continuar com alguma dignidade, pois, hoje, todas as reformulações das políticas públicas e os planos setoriais elaborados pela sociedade civil se congelam frente a insuficiência dos recursos financeiros. Cabe lembrar que definir um piso mínimo justo também é garantir para a Cultura um planejamento abrangente e a execução de programas estruturantes e continuados. O que está sendo feito nesse sentido?

3. Sabemos que a votação do PL 21.056/2014, que modifica a Lei do Fundo de Cultura, foi retirada da pauta da Assembleia Legislativa. Está de novo na Secult, segundo informação dada pelo superintendente de Promoção Cultural, Alexandre Simões. Por que foi retirada? Qual foi a discussão tecida em torno desse PL? Qual deputado está acompanhando esse processo? Quais são as estratégias possíveis para acelerar essa votação? Sabemos que compreendem a importância dessa Lei para o funcionamento da fonte de recursos financeiros mais democrática à qual os proponentes da sociedade civil têm acesso.

4. É necessário rever os sistemas de repasses de recursos do Estado para a sociedade civil e pensar na aplicabilidade, para a área da cultura, da lei que ampara os repasses de bolsas acadêmicas, residências médicas e pesquisas científicas. Será que é possível fazer um adendo à Lei de Licitações e Convênios para ter um olhar diferenciado para a cultura? Se faz necessário simplificar as formas de repasse e prestações de contas contábeis, estimulando uma verdadeira democratização dos recursos. Isso permitiria uma instauração de políticas de bolsas para pesquisa artística, residências artísticas, intercâmbios nacionais e internacionais etc. Podemos pensar nisso com cuidado?

5. Demandamos a atenção imediata de vocês para acompanhar a votação do Projeto de Lei nº 7.032/2010, que modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para que acompanhem suas alterações, garantam uma regulamentação discutida junto à classe artística, pressionem para a diferenciação da área da Dança

dentro da grande área 'Artes Cênicas' e, por fim, para que sua implementação comece com urgência, atendendo às demandas do mercado de profissionais em dança de todo o Estado.

6. Pedimos, por favor, que procurem informações sobre uma possível modificação 'a porta fechada' da regulamentação do programa de Incentivo à Cultura via Isenção Fiscal, FazCultura, e exijam, caso esteja acontecendo uma revisão desse programa, que o mesmo passe por consulta pública, continuando com as políticas de transparência e democracia que viemos desenvolvendo nos últimos anos. Vocês têm alguma informação sobre isso?

7. Solicitamos, também, que acompanhem estritamente a implementação da Lei nº 10.098/2000, que garante o uso obrigatório de tecnologias assistivas (audiodescrição para cegos, Libras para surdos, legendagem etc), através da Sudecult e, portanto, de todos os espaços culturais do Estado da Bahia, para começar a cumprir as normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.

8. Para finalizar, queremos deixá-los informados da grande preocupação que temos, como classe, com a possibilidade de retorno à política de balcão.

O retrocesso nas políticas de diálogo com a sociedade civil, e a paralisação dos editais públicos que garantem o movimento cultural em todo o território baiano. Vocês são também responsáveis pela fiscalização e acompanhamento do trabalho da nossa Secretaria de Cultura. Nesse momento de tradição pedimos seu acompanhamento direto.”

Porque a coisa está seríssima.

“ Estamos confiantes que depois desses anos todos de luta, esse momento é propício para a verdadeira instauração de Leis que regulamentem e alavanquem nossa ação dentro do cenário político cidadão do Estado da Bahia. Não devemos retroceder! Não devemos recuar! Não devemos elitizar! Não devemos terceirizar! Nem um passo atrás!

Assinamos, lembrando da necessidade de uma Pauta/Agenda para dar seguimento a essas questões,

Representantes do Colegiado de Dança e representantes da classe artística” como um todo.

Muito obrigado.

(Palmas, muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Passo a palavra, agora, a Lílían Pereira, do Balé do TCA pelo tempo de até 5 minutos.

A Srª LILIAN PEREIRA:- Bom-dia a todos e a todas aqui presentes, aos membros da mesa, a nossa querida Beth Wagner e ao proponente desta sessão, deputado Marcelino Galo.

(Lê):- “Apesar de tratar-se de uma linguagem dotada de fisicalidade palpável, a dança é uma manifestação cultural expressa de forma fundamentalmente efêmera, que acontece e se esvai no tempo. Permanecendo sua imagem fugaz só na lembrança do público.

Por isso é tão importante fazer o que estamos aqui hoje, destacando personalidades que marcaram com seu talento, trabalho, conhecimento e dedicação a sua área de atuação.

Lia Robatto; Dule Aquino; Mestre King e Carlos Moraes.

Nosso amado Carlos Moraes, gaúcho, que escolheu a Bahia para ser sua terra.

A convite de Dalal Aschar chegou aqui em Salvador, vindo do Rio de Janeiro, onde vivia e trabalhava, em março de 1971 para uma estadia de 30 dias na EBATECA escola de balé do Teatro Castro Alves. Carlos Moraes nunca mais saiu da Bahia.

Veio para revolucionar sem pretender para marcar sem perceber, a dança na Bahia.

Aqui fincou raízes e plantou muitas sementes como um grande semeador, na certeza da colheita de seus frutos.

Além do balé, também era conhecedor da cultura popular e aqui na Bahia aprofundou seu conhecimento sobre as danças dos orixás. Em suas coreografias soube unir de forma muito potente o mundo da dança clássica ao universo dos elementos da cultura baiana nas diversas nuances da sua religiosidade afrodescendente. Com Aida Ribeiro ajudou a fundar o Balé Brasileiro da Bahia, uma grande escola que alguns de nós tivemos a oportunidade de participar.

Em 1981, participou ativamente, junto a Antônio Carlos Cardoso, da criação do Balé do Teatro Castro Alves, do qual foi coreógrafo e diretor, mas principalmente um mestre de balé. Um mestre no sentido mais amplo que esta palavra possa expressar. Aquele que fala nas entrelinhas, que dá as ferramentas para seus discípulos seguirem em frente.

E hoje, mesmo hospitalizado, sem poder receber pessoalmente esta homenagem, estamos aqui para reverenciá-lo.

Termino com uma frase do próprio Moraes que sempre o norteou: “com a alma preta de lembranças, deixo que o coração me guie os passos e se encha de novos projetos”.

Obrigada.

(Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo). Obrigado. Vamos ouvir agora Suki Guimarães que é do Conselho Nacional de Política Cultural.

A Sr^a SUKI GUIMARÃES:- Bom-dia a todos. Emocionadíssima com essa homenagem, quero agradecer muito a Marcelino e a Beth, essa dupla que tem trazido

a dança para esse espaço político de importância extrema, uma vez que a gente vem batalhando, conquistando e buscando pensar dança enquanto dança, enquanto sua autonomia, enquanto especificidades.

Essa homenagem é muito linda. Eu acho que quem é da minha geração provavelmente teve esses quatro homenageados como professores. Então, a gente está aqui um pouco com a história viva da Bahia, a história da dança viva, cada um num fluxo de produção muito interessante. Se pensarmos as relações estéticas artísticas, temos o ballet, a dança afro, a dança moderna, a gente tem a dança na academia, que são espaços fundantes para a nossa produção e dança, para a gente ser o que a gente é.

Eu quero agradecer muito, estou muito emocionada com essa homenagem. Eu acho que esse é um lugar de conquistas de todos nós, não só da dança, é da população, é da Bahia, é do Brasil, porque a dança está na nossa história civilizatória, na nossa formação humana. É legal a gente estar pensando essa dimensão da dança, enquanto artefato cultural, enquanto elemento fundante da nossa humanidade.

Dizer que estou nesse lugar da representação nacional, estou, mas não sou. A gente tem o Fórum Nacional de Dança, tem o fórum da Bahia, vários movimentos representativos, e dizer a vocês que é importante que vocês participem desses processos, porque só assim a gente pode transformar, só assim a gente pode fazer e se impor politicamente.

Deputado, peço muito em nome desses movimentos sociais da dança, que realmente levem a sério as reivindicações dos nossos estudantes, que estão de parabéns, (palmas.), e de nosso colegiado setorial da Bahia, porque são reivindicações importantíssimas.

Também parabenizar, porque nesse momento aqui dessa homenagem a gente reforça uma coisa que está dentro das políticas nacionais e locais da dança, mas a gente nunca tem falado dela, que é a própria memória da dança. Nossos acertos estão indo para o lixo e nossa memória, enquanto espaços de produção de conhecimento não está sendo pensada nem tendo o apoio devido das políticas, da cultura nem locais nacionais.

Então, faço aqui esse pedido que todos nós da dança, políticos, estudantes, professores, que pensem nisso como um fluxo muito importante para a produção cultural e para a produção do conhecimento como um todo.

Obrigada.

(Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado, Suki, que também é do Fórum Nacional da Dança.

Ouviremos agora o vice-Reitor da Universidade Federal da Bahia, Paulo Miguez.

Gostaria também de registrar a presença do deputado Roberto Carlos que esteve aqui neste Plenário e dizer a todos vocês que essas fotos estão à disposição no nosso Facebook Marcelino Galo. Tem todas as fotos desse evento.

Com a palavra o Sr. Paulo Miguez.

O Sr. PAULO MIGUEZ:- Bom-dia a todos, queria saudar a Mesa na pessoa do deputado Marcelino Galo, proponente desta sessão, e dizer que em nome da Universidade Federal da Bahia, mais do que cumprir o dever formal de estar presente em uma sessão em que duas professoras, Dulce e Lia Robatto, estão sendo homenageadas junto com dois outros nomes da maior importância da cultura baiana, Mestre King e Carlinhos Moraes.

Mais do que cumprir essa obrigação institucional, minhas palavras são de agradecimento a essas pessoas. Suki falou há pouco da geração dela e eu sou dessa geração. Não só o encantamento de vê-los em movimento, Mestre King, Mestre Moraes, Dulce, Lia, mais do que isso, foi a certeza de que em cada movimento realizado na época da nossa juventude, estava presente também o gesto de enfrentamento num momento tão difícil que vivemos nos anos 70.

É muito importante que essa homenagem, deputado, mais do que a atribuição dessa Comenda Dois de Julho a esses quatro iluminados da vida cultural baiana, seja um momento como já colocado por mais de uma das pessoas que aqui falou, num momento em que efetivamente a questão da cultura assume o lugar que merece nesta Casa, que é a Casa do povo, que é o Parlamento baiano. (Palmas.)

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Muito obrigado ao nosso vice-Reitor e agora vamos para o momento mais importante dessa solenidade. Queremos aqui convidar a nossa Dr^a Dulce Tâmara Lamego Silva e Aquino, para conceder a mais alta honraria desta Casa. (Palmas.)

Vamos ouvir as palavras, agora, da nossa comendadora, companheira da Comissão da Verdade, essa ativista também pelos direitos humanos na luta pela ditadura nesse País.

A Sr^a DULCE TÂMARA AQUINO:- Ilm^o Deputado Marcelino Galo, meus queridos colegas de dança, Lia, King e Adriana, que está representando Carlos Moraes, Ana Cristina, que está representando as escolas de dança, grupos de balé; Fernanda Tourinho, representando a Secretaria da Cultura do Estado da Bahia; meus queridos Matias, da Fundação Cultural Eliezer Santos, da Secretaria da Educação; meu grande bailarino Edu, paixão da minha vida; Suki, minha querida representante do colegiado nacional de dança e fórum nacional de dança; meu querido Paulo Miguez, vice-Reitor da Universidade.

Meus queridos amigos da Comissão da Verdade que estão ali no fundo; magnífica Reitora da Universidade do Oeste da Bahia, Universidade Federal,

professora Iracema Veloso, professora Dr^a Dora Leal, sempre magnífica, meus filhos Fedra, Ícaro e Moira; meus netos, Iago, Júnior, Gabriel, Rafaela e meus outros netos Inana, Lúcio e Larissa; meu genro Antônio; minha amiga Nena; minha irmã Graça; minhas primas Sílvia e Virgínia; minhas senhoras e meus senhores, vejam, receber a Comenda Dois de Julho é para, qualquer baiano, motivo de grande orgulho e honra pessoal.

Assim, como baiana, estou, neste momento, honrada e orgulhosa. Esta é a mais importante medalha do Estado, pois o Dois de Julho significa o que o baiano tem de mais heróico em sua história e significa a luta pela liberdade da Nação. E a comemoração do Dois de Julho é a mais singela e mais bela festa popular no nosso calendário cultural.

Estou honrada, orgulhosa e portadora de grande alegria, pois, neste momento, não estou só. Compartilho esta honraria com três grandes figuras da dança na Bahia, uma vez que são figuras públicas que formaram gerações de dançarinos e dançarinas.

Neste sentido, quero parabenizar o ilustre deputado Marcelino Galo por sua capacidade de síntese da diversidade da dança na Bahia. Ao nos escolher, V.Ex^a teve a sensibilidade de abarcar e aglutinar quatro campos da dança que são complementares e cheios de interseções.

Assim, resalto o importante papel de Carlos Moraes na consolidação da técnica do balé clássico em nossa terra, principalmente como instrumento de inclusão do masculino no universo da dança.

Lia Robatto é a referência de coreógrafa, onde seu processo de criação artística sempre esteve associada a projetos impactantes para a sociedade como a criação da Escola de Dança da Fundação Cultural e a ação formadora no Projeto Axé.

King, o Mestre King, é referência do que temos de mais genuíno na dança na Bahia, melhor, o nosso legado afrodescendente. Ele é formador de gerações de dançarinos. Mestre King consolidou e construiu o processo pedagógico de enorme capilaridade social, onde a dança não é só um instrumento de formação técnica, mas um dispositivo eficaz no despertar do orgulho negro.

Mas, neste design configurado a partir das escolhas de Marcelino Galo, o que me cabe? Em que lugar me vejo neste mosaico montado pelo ilustre deputado?

Nesta análise, me reconheço não como uma cidadã realizadora de grandes feitos, mas como alguém com bastante aderência a uma instituição pública e que, ali, protagonizou ações e fez diferença.

Falo da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

Foi na Escola de Dança que passei da adolescência para a vida adulta tendo, como práticas cotidianas, o exercício pleno de cidadania. Ao lado de uma formação técnica artística, pude vivenciar, nos anos que precederam o golpe militar, as práticas democráticas com formação ideológica proveniente da política estudantil. O ideário de ruptura do academicismo nas artes coincidia com o discurso libertário que preconizava as grandes mudanças sociais, levado às ruas pelos estudantes.

A minha trajetória na UFBA, como profissional, teve um início determinante para a minha atuação futura.

Quando no verão de 1965, Rolf Gelewski, então diretor da Escola de Dança, me indicou como substituta durante suas férias e me incumbiu de apresentar o planejamento das necessidades da Escola como contratação de professores, compras de materiais, etc., ao Magnífico Reitor Miguel Calmon.

Eu, jovem professora de 21 anos, recém-diplomada, entrei na sala do magnífico, que era tão magnífica quanto, cumprimentei o Dr. Miguel e abri a pasta com a relação das solicitações. Ele segurou minha mão e disse: “Antes, vamos conversar. Por que esta Escola de Dança Moderna não se constitui uma academia de balé como encontramos no Rio de Janeiro ou São Paulo?”

A pergunta foi impactante, tive de me colocar de prontidão, acionar minha capacidade de improvisação, tão trabalhada por Yanka e Rolf e articular as informações que tinha. Respondi:

Segunda pergunta: o que é dança moderna?

Terceira: o que se estuda além de fazer exercícios corporais? Qual o profissional de dança que vocês prepararam?

Respondi tão convincentemente e com tantos detalhes, que levamos mais de uma hora na audiência e, quando o chefe de gabinete, o grande, Iracema conheceu, Zitelman de Oliva, avisou que já tínhamos avançado muito do horário para a próxima audiência, Dr. Miguel, lembrou da minha pasta com as solicitações de Rolf, e disse: nem preciso ler, vou autorizar tudo. Já entendi a importância desta Escola, fiz estas perguntas, porque há uma reação grande da sociedade baiana contra a Escola de Dança, pois acham que só é necessário curso de ballet, e que, na universidade, não é lugar para isso. Você me convenceu do contrário, temos de divulgar isto no jornal. E mandou chamar o assessor de imprensa para fazer uma entrevista comigo.

Saí feliz pelo meu desempenho, mas, convencida que não era preciso apenas ter uma boa produção artística acadêmica na Escola. Havia fragilidade nesta área na Universidade, daí em diante, passei a lutar diuturnamente para a consolidação da dança na Universidade como linguagem artística autônoma, como forma de expressão essencial no desenvolvimento pleno do indivíduo, como direito do cidadão, como campo de conhecimento epistemologicamente definido na área das artes.

Nesse sentido, passei os 20 anos da ditadura entre diretora da Escola de Dança, vice-diretora da Escola de Música e Artes Cênicas, chefe do departamento de dança, chefe do departamento de integração artística.”

Nesse período, estruturei o currículo da escola para atender a legislação nova que se instituía no país. Essa estrutura serviu de modelo para a criação do currículo em todo o Brasil.

(Lê):- “Coordenei, de 72 a 84, a pesquisa de desenvolvimento da criatividade da criança, por meio da integração artística.

Concebi e coordenei Seminários Nacionais de Dança no Festival Universitário

de Artes da Bahia, que culminou, na Oficina Nacional de Dança Contemporânea, realizado entre 80 e 94. Todas estas atividades tinham o objetivo de dar visibilidade a Escola, ao tempo em que aglutinava o que tinha de mais inovador no Brasil.

A Bahia com seu curso superior de dança que foi por 28 anos único no país, tinha de permanecer como centro de excelência, atrator do novo, viçoso. Eu tinha isso como missão.

Após meus estudos de doutorado, já madura, persegui ideia da implantação de um Programa de Pós-Graduação em Dança. A Escola precisava, a UFBA precisava, o Brasil precisava. Era preciso fazer mais uma vez o protagonismo do pioneirismo.”

Conseguimos. Apresentei a Capes o programa qualificação institucional permitindo a qualificação de vários doutores, atualização de outros docentes. Foi uma ação que culminou no programa de pós-graduação com mestrado em dança.

(Lê):- “Nos últimos quatro anos estive afastada da Escola atuando na Pro Reitoria de Extensão e na Pro Reitoria de Ações Afirmativas e agora voltei a ser eleita Diretora da Escola de Dança e após os 100 primeiros dias de gestão recebo essa comenda que, estejam certos, não fosse essa Escola, eu não teria no peito essa medalha, portanto é tão minha quanto dela.

Portanto, divido esta honraria com cada professor, cada aluno e cada técnico administrativo da minha, ou melhor da nossa Escola. E mais, com aqueles que aqui estão e com os que já estiveram.

Este seria naturalmente um bom final para meu discurso. Mas, eu não seria quem sou, eu não seria digna desta medalha se não falasse de políticas públicas para a Dança.

A plenitude democrática que estamos vivendo vem desde 2003 permitindo um enorme amadurecimento das camadas populares, dos artistas, dos intelectuais e mesmo dos governantes com relação a concepção de políticas públicas para a cultura.

Dos governantes temos como salto de qualidade a atuação dos ministros Gilberto Gil e Juca Ferreira. Nos oito anos à frente do MinC houve uma grande revolução que se estendeu dos Pontos de Cultura a Lei da Cultura Viva aprovada recentemente. Se tivemos um retrocesso na área da cultura nos últimos anos hoje nos soa alvissareiro termos Juca de volta no MinC e Janine no MEC.

O primeiro retoma os grandes desafios e afirma a necessidade das políticas culturais de todas as áreas que devem incluir os três segmentos: o desenvolvimento da linguagem simbólica, a acessibilidade para toda a sociedade brasileira, a cultura é um direito e a economia da cultura.

É importante salientar que o ministro Juca ao sair do Ministério em 2011 afirmou que saía com uma dívida com as linguagens artísticas ao retornar em sua fala de posse afirmou que políticas públicas para as linguagens artísticas estariam como prioridade em sua nova gestão.

Por outro, lado o ministro Janine coloca o MinC como o mais importante Ministério da Esplanada, repete sempre a necessidade da culturalização da educação

e o ministro Juca foi o primeiro convidado por Janine para o início da agenda dos encontros interministerial.

Portanto, temos boas perspectivas para a área na esfera do governo federal. Depende agora de nós de nossa capacidade de organização.

Neste sentido a dança na Bahia, isso aqui é o resultado dessa ação, tem um acumulado extraordinário. Desde o Dia D realizado em 2001, aqui, o mês da dança se transformou em um mês de reivindicações e luta. Vocês viram como eles falavam, com toda razão, porque a gente precisa muito.

Somos referência como participação nas representações nacionais seja no Colegiados Setoriais seja no CNPC. Contudo o mais importante é a organização de coletivos em Salvador e nas cidades do interior. É fantástico o que está acontecendo na Bahia. Não sei se temos outro estado da federação com um quantitativo de dançarinos tão comprometido com as políticas públicas e com o exercício de cidadania participativa.

Ressaltamos também o interesse que temos despertado em políticos comprometidos com as grandes mudanças deste país. Precisamos lembrar da senadora Lídice da Mata, da deputada federal Alice Portugal, da vereadora Aladilce, de Vânia Galvão e muito especialmente a Bete Wagner. E na lista destas mulheres, bendito seja, Marcelino Galo.

Mais uma vez agradeço a sensibilidade de Marcelino Galo pela indicação e aos demais membros da Assembleia Legislativa que aprovaram por unanimidade de nossos nomes.

Mas deixo um pedido, que reverbere o desejo da classe, urge a formação de uma Frente Parlamentar para a Cultura nesta Casa que possa aos lado de momentos como esses de homenagem e poesia desenvolver uma ação mais continuada ao longo de todo o ano. Precisamos da PEC 150.

Afinal a Dança é antes de tudo uma estratégia de sobrevivência humana. Obrigada.”

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Essa é a verdadeira Dulce, a doce Dulce.

Agora quero convidar a lutadora do povo brasileiro Beth Wagner para juntos entregarmos a honraria a Sr^a Lia Robatto. (Palmas.)

Então, agora vamos conceder essa honraria a Sr^a Lia Robatto, por favor! (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Passo a palavra agora a comendadora Lia Robatto.

A Sr^a LIA ROBATTO:- Nessa altura, boa tarde a toda a Mesa, especialmente ao deputado Marcelino Galo. Quero agradecer essa honraria que estamos recebendo, eu, como diretora de espetáculo, estou muito preocupada com o time de todo esse

ritual. Acho que temos muita coisa a ouvir, muita coisa a falar, mas me sinto responsável por equilibrar o tempo de todo esse ritual importantíssimo para a dança.

A dança é uma manifestação coletiva e como tal sentimos aqui no Plenário, que agora já está mais vazio, como é um coletivo movido pela emoção. Que lindo! Para nós artistas, a matéria principal é o afeto, a emoção, sem deixar de ter a razão, a postura política que vem dessa junção, a estética e a ética funcionando juntas. Por isso talvez, aqui na Bahia, tenhamos coletivos de atuação política tão forte.

Assistimos aqui tantas manifestações conscientes de uma postura crítica política de reivindicações justas. Acho que a dança é uma das áreas da cultura na qual há mais atuação política, e nem por isso conseguimos tudo o que nós precisamos.

Mas quero salientar como avançamos, tenho 75 anos e estou há mais de 60 na área. Comecei a atuar desde menina, sempre participei de todos os nascimentos de movimentos políticos da dança e nunca vi um momento tão forte como esse. Já conseguimos muito, não só para dança como para a cultura desde Gilberto Gil, que veio a mudar as políticas públicas nacionais, que se dividem entre antes e depois de Gilberto Gil e Juca.

Acho que a Bahia fez o seu dever. A Bahia conseguiu aprovar, por meio desta Assembleia, a importantíssima Lei Orgânica da Cultura, conseguiu aprovar um planejamento e agora nós vimos as reivindicações sobre o que falta para completar. Não vou repetir aqui, porque são as mesmas.

...Então falta, agora, pouca coisa, já foi muito caminhado. Nós da dança temos de engrossar essa ideia de que vamos terminar, vamos completar o que está faltando, porque as bases já estão lançadas. É muito importante.

Não vou aqui agradecer a todas que preciso agradecer, porque em mais de 60 anos de profissão, imaginem o quanto não tenho de agradecer na vida. Tenho de agradecer muito, demais. É impossível, aqui, tentar relatar o meu percurso. O que interessa é o agora, hoje. Quero agradecer, hoje, a vocês aqui, todos que estão na Mesa, cada um de vocês aí tem um pedacinho de importância para mim. Os que estão na plateia idem. Vejo pessoas queridas, pessoas que me fizeram.

Mas eu não estou aqui, eu, recebendo essa medalha. Como Dulce falou aqui: estamos representando vocês, estamos representando a dança. O que eu quero dizer, como Dulce falou, foi muito esperto de Marcelino e Beth de escolherem pessoas que podem representar segmentos diversos que são complementares. Cada um de nós atuou numa área diversa complementar.

No mais é lembrar que a dança é uma representação simbólica que pode transformar as pessoas e a sociedade.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Gostaria de convidar a Sr^a Adriana Moraes, sobrinha dele, para receber a comenda Dois de Julho do Sr. Carlos Américo

Moraes Machado.

Por favor, convido o Sr. Vice-Reitor Paulo para entregar a comenda.

(O Sr. Paulo entrega a comenda Dois de Julho à homenageada.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Com a palavra a Sr^a Adriana Moraes.

A Sr^a ADRIANA MORAES:- Boa-tarde a todos, quero saudar e agradecer, no primeiro momento, ao deputado Marcelino Galo, que preside a Mesa nesta sessão solene de homenagem. Estou muito emocionada. (Neste momento, a oradora chora.)

Eu disse, Beth: eu não tenho condições de falar. Tomo as falas da Dr^a Dulce e da professora Lia que me foram muito inspiradoras. Quando a Dr^a Dulce falou que essa comenda é a maior honraria para um baiano, calcule para um gaúcho. Então, meu tio com o seu modo irreverente, ele diria: discurso bom, é discurso curto. Tudo que tinha para ser colocado foi colocado. Eu só tenho de agradecer em nome dele. Lamento por ele não estar aqui recebendo. Tenho certeza de que ele está muito grato, desde o título de cidadão soteropolitano que recebeu, e que se orgulha muito, e com esta distinção do legislativo baiano com certeza ele está muito grato. Ele receberá a comenda Dois de Julho daqui a pouquinho.

Não tenho muito mais a dizer. Direi uma frase dele. Eu escrevi três páginas e não vou lê-las. A senhora falou de timing, eu sou jornalista e também trabalho com timing, com segundo, com freames. Não quero tomar o tempo de vocês, eu só queria dizer uma frase dele. Ele sempre disse que “a dança é a ligação da criatura com o criador, com Deus”. E eu acho que nessa frase ele sintetizou tudo.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- É muita coisa para uma manhã só!

Quero registrar as presenças do Sr. Cuca Matos, relações institucionais da Fundação Cultural do Estado da Bahia e da Sr^a Conceição, vereadora de Jaguaripe. Muito obrigado. (Palmas.)

Agora, o nosso último homenageado. Queria convidar a Sr^a Suki, nossa mãe de santo do gabinete Ana Torquato (Palmas.), para que façamos essa grande homenagem ao precursor da dança afro-brasileira, Mestre King (Palmas, muitas palmas.)

(O homenageado, Sr. Raimundo Bispo dos Santos, Mestre King, recebe a Comenda 2 de Julho.). (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Passo a palavra ao nosso grande homenageado, precursor da dança afro-brasileira, Raimundo Bispo dos Santos, Mestre King.

O Sr. MESTRE KING:- Como a parte da intelectualidade falou primeiro, agora vai o pessoal da comunidade. Não tenho a capacidade de gravar o nome de todos, mas, em particular, dirijo-me ao Sr. Galo: muito obrigado por esta homenagem que o senhor me faz. Esta medalha, praticamente pertence ao pessoal da periferia, que

hoje está pela Europa (Palmas.) ganhando o pão de cada dia através da dança.

Então, hoje venho aqui, estou aqui agora com uma mão e a cuia pedindo mais apoio para nós, paladinos da dança, porque é muito difícil a gente trabalhar na periferia e nos colégios. Hoje, com o advento da religiosidade, de várias religiões, está se tornando difícil ensinarmos a dança cultural nos colégios, porque, se por acaso houver um diretor de escola que seja evangélico, ele vai dizer que “é dança do diabo” e é candomblé.

Agora, sempre me pergunto assim: todas as civilizações tiveram seus deuses: os assírios, os astecas, os egípcios, os romanos, os gregos... por que o africano não pode ter? Os caboclos, aqui no Brasil, tinham seu Deus como a Lua ou Coaraci, e o Sol como Tupã. Então, todas essas religiosidades fazem parte da nossa cultura. Não podemos perder o nosso felling cultural, porque faz parte. A religiosidade faz parte do nosso folclore e da nossa cultura. (Palmas.)

Uma vez eu perguntei a Emília: Qual a dança do Brasil que não tem influência do africano?, e ela disse: “Onde o africano pisou, existe sempre influência religiosa.” É impossível falar na cultura de outro Estado sem falar de religiosidade. Entenderam?

Então, me sinto o paladino, o ousado, porque eu tive a ousadia de levar para as grandes academias que existiam, na Bahia, a dança dos orixás, que todo mundo não gostava, mas depois passou a gostar.

Iniciei esse trabalho sem pretensão nenhuma. Depois, já no quinto semestre da Universidade Federal da Bahia, comecei a misturar a dança dos orixás, o movimento de orixás – na época isso era chamado de estilização do movimento – por meio da técnica de Marta Graham e de outras técnicas. Armando Pequeno me perguntou: “Como vamos chamar essa dança?”, e eu falei: Eu sei lá! Vamos chamar de dança afro, de dança afro-contemporânea. Não fui eu quem colocou o nome dança afro, mas o povo. A voz do povo é a voz de Deus! Então, foi intitulada de dança afro.

Se alguém me perguntar o que é dança afro, direi: Eu não sei, não! Não sei! Porque não é candomblé! Nós não podemos ensinar a dança de orixás, dizendo que é afro. Não! O cultuamento do candomblé na África é de uma maneira, e no Brasil é de outra. Sofreu...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Todo mundo tem esse direito aqui!

Então, sofreu uma influência, e, hoje, é chamada de dança afro-brasileira. Já fui convidado por várias universidades da Europa, dos Estados Unidos e de outros lugares para divulgar a dança afro-brasileira. Dizem para mim: Você fez a dança afro! Eu não fiz nada! Está tudo aí, porque as coisas não vêm do nada, elas partem sempre de um princípio. Acho que estou certo, não é?

A ciência tem sempre... Às vezes, a ciência faz descobertas, mas é pelo empirismo. Nós chamamos isso de outra coisa, mas não adianta dizer aqui. Então, o pessoal vai descobrindo, a partir dali, dali e dali. Como diz Lavoisier: Nada é do nada. Tudo se copia ou se transforma. O que o Mestre King fez foi, simplesmente,

transformar a maneira de dançar, em 1971, na Bahia. Não fiz nada demais!

Obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Gostaríamos de registrar as presenças de Marcela Sande, professora de dança do Ballet Rosana Abubakir; de Mônica David, professora de dança do Ballet Rosana Abubakir; de Rose Lima, diretora artística do Teatro Castro Alves; de Tânia Maria Gordilho, diretora artística do Ballet Bahiano de Tênis; de Cláudia Moreno, professora de ballet; e da nossa querida Fátima Suarez. (Palmas.) Ouviremos agora as palavras de Matias Santiago, representante do nosso governador Rui Costa. (Palmas.)

O Sr. MATIAS SANTIAGO:- Boa-tarde a todos. Quero saudar todos os componentes da Mesa, todos os homenageados foram meus professores. É muito importante dizer que tenho acompanhando todas as Semanas da Dança que ocorrem aqui na Assembleia; uma ação do nosso deputado Marcelino Galo e de Bete Wagner. Tenho percebido como é que a gente consegue trazer para dentro da Assembleia todo o avanço que nós, enquanto artistas da dança, já conseguimos, entre os nossos pares; como a gente já conseguiu avançar desde as câmaras setoriais. E nestes 3 anos da Semana da Dança aqui na Assembleia, também vejo como é que isso se dá, talvez, por conta do que Lia traz, de que trabalhamos no coletivo e que o emocional é muito mais potente. Sem dúvida, não há espaço a que a dança chegue e não ocupe.

Então, acho que a Assembleia Legislativa da Bahia já está ocupada pela dança. Acho que daqui para os próximos dias, a gente não tem de esperar o próximo mês da dança. A gente tem que manter esse exercício político em prol da dança, em prol de políticas culturais para a dança aqui na Assembleia.

Falar dos homenageados, eu não vou. Vou me abster disso, porque é de uma emoção muito grande, não dá para falar. O que é mais legal é que ainda tenho os 4 aqui comigo. É bom saber que a memória está viva, não é algo que está no passado. E quando a gente recupera isso, tornamos isso vivo, de novo. Estamos celebrando a vida em vida. Isso é muito gratificante. Isso deveria ser uma ação nossa enquanto agentes trabalhadores em prol da memória. Pensar na memória em vida, e não deixar ela acabar para recuperar. (Palmas.)

Com relação a esta sessão, para finalizar, gostaria de dizer, também, que, pela primeira vez, consigo perceber a reflexão e a ação mais próximas. Isso é muito interessante de dizer e de marcar, desde a primeira sessão plenária que tivemos aqui. Claro, tivemos uma ação reflexiva em torno da dança. Tivemos uma ação efetiva na questão da fisicalidade da dança. A gente traz a dança para cá para que as pessoas vejam o que é a dança e percebam quais são as necessidades que a gente tem, tanto na fisicalidade, quanto na reflexão política.

Sr. Deputado, está sendo muito gratificante para eu participar desta sessão, é histórico, porque percebi que você não consegue dividir reflexão de ação, em que

estão a fisicalidade e o pensamento político. Porque as pessoas, os nossos comendadores e comendadoras – vou passar a chamá-los assim – carregam em si a ação e a reflexão. Sou fruto da ação e da reflexão, sou coordenador de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia por causa dessas 4 pessoas. Elas fazem parte da minha vida.

Então, hoje, é bom marcar que a ação e a reflexão na dança, como sempre, não se dividem. Acho que nas próximas sessões isso vai se fortalecer muito mais, sabendo-se que a classe da dança vai estar muito mais presente às sessões plenárias da Assembleia, pela nossa conquista de tantos anos, e pelo apoio que o Sr. Deputado e Bete Wagner têm dado durante todo esse período.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado, Matias Santiago, neste ato representando o governador do Estado.

Quero dizer a vocês que, depois deste momento de ternura, quero convidá-los para uma reunião que vamos fazer. Vou marcar com vocês, porque a gente precisa endurecer, porque a luta política é muito dura. E nós precisamos fazer um grande movimento para dobrar, no mínimo, o orçamento da cultura desse Estado. Então, um grande movimento para que a gente consiga 1,5% do Orçamento do Estado da Bahia.

Antes de encerrarmos, vamos ouvir, para fechar esta celebração com chave de ouro, o Hino ao Dois de Julho, à liberdade da Bahia e do Brasil. (Palmas!)

(Execução do Hino ao 2 de Julho.) (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero agradecer aos homenageados: o Mestre King - não à redução da maioria penal! -; a nossa Lia Robatto - pioneira! -; a nossa Dulce Aquino - ditadura nunca mais! -; e o nosso professor dos professores, Carlos Moraes.(Palmas!)

Então, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas, das senhoras e dos senhores, dos deputados e da imprensa.

Declaro encerrada a presente sessão.

Viva a cultura na Bahia, no Brasil! Viva a dança!

Obrigado a todos vocês! (Muitas palmas!)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/v2/sessoes.cfm>. Acesse o caminho **Sessões** e leia-as na íntegra.*